

Os jogos dos sons

The sound games

Num volume bem menos conhecido, *Universo do carnaval*,¹ que poderíamos considerar par da icônica, pioneira e festejada coletânea de estudos *Universo do futebol*,² o antropólogo Roberto DaMatta atentava, à época de seu lançamento, para a necessidade da carnavalização dos estudos acadêmicos, e das ciências sociais em específico, no sentido de reorientar a escolha de temas, métodos e teorias para dar conta do déficit e dívida que a academia mantinha, até aquele momento, em relação aos fenômenos populares lúdicos urbanos.

Buscando se contrapor às sisudas perspectivas vindas de um intelectualismo pretensamente universalista, que compreendia mal boa parte dos manejos culturais das classes populares no Brasil, cujas mensagens estéticas insistentes vocalizavam um país para além de suas mazelas sociais e políticas, DaMatta reivindicava um olhar mais generoso e emocionado³ sobre algumas manifestações da cultura de massa.

O fato desses fenômenos populares de natureza lúdica encontrarem pouca ressonância entre as elites intelectuais e em sua produção acadêmica não implicava que tais manifestações fossem *loci* da alienação, ainda que alheias aos processos que determinavam os rumos políticos, seja do Brasil, seja de outras partes do continente.

Naquele momento em que alguns regimes autoritários pela América Latina davam claros sinais de esgotamento, dessintonizando ideologia autoritária e estética repressora com as demandas por novas ordens democráticas, o antropólogo buscava nas festas populares, notadamente no carnaval e no futebol brasileiros, uma espécie de refúgio metodológico, reserva estética e pedagógica para avistar um outro país que se insinuaria no pós-ditadura.

¹ DAMATTA, 1981.

² DAMATA; GUEDES; VOGEL; FLORES, 1982.

³ TOLEDO. Universos em emoção, no prelo.

Muita água, chope, dribles, serpentinas, cânticos, gritos de guerra e carnavalizações rolaram desde então no sentido da demanda por uma maior sensibilidade acadêmica em relação a esses temas. E aquelas ideias germinais testadas por DaMatta nos dois volumes referidos também puderam ganhar boa companhia de outros estudiosos latino-americanos, pensamos imediatamente em autores como Eduardo Archetti e Pablo Alabarces, que também atentaram para o caráter multifacetado de fenômenos como o futebol associado às manifestações musicais, festivas e performáticas populares.

O Dossiê – Futebóis, carnavalizações, performances: sons da cultura popular – tem a alegria de oferecer algumas atualizações e expansões conceituais desse movimento hoje bastante espraiado, seja no campo metodológico, no oferecimento de outras fronteiras empíricas e interdisciplinares, aliás, bastante exploradas nos textos aqui reunidos, seja ainda no manuseio de aportes teóricos mais contemporâneos testados continuamente ante novas realidades estéticas e políticas.

Os artigos que seguem revelam alguns esgarçamentos das bordas naturalizadas do futebol masculino e de espetáculo como objeto reificado das pesquisas acadêmicas. A instância corporal do jogar, que tenta se impor como qualidade sensível determinante na definição de todo o *glamour* da prática, é interpelada pela multiplicação dos olhares e das escutas com e ao redor do jogo, fazendo dele uma experiência multissensorial.

As investigações aqui reunidas superaram os apelos da chamada inicial, que sugeria um dossiê que contemplasse a indissociabilidade entre os sentidos e a apreensão e simbolização sensível na relação entre futebóis e sonoridades. Aqui as experiências narradas de atores concretos – jogadores, torcedores, coletividades torcedoras e carnavalescas, expressões identitárias e contendoras ocupando ruas, estádios, arquibancadas – visibilizam estados efervescentes por disputas estéticas e de expressivos engajamentos ao jogo. Ou como nos inspira Tiago de Oliveira Pinto, fazendo coro às demandas damattianas inauguradas desde os referidos volumes: “Investigações etnomusicológicas recentes valorizam a dinâmica social, na medida em que a pesquisa da música em dada comunidade representa, simultaneamente,

um projeto comunitário. Ao invés da retórica acadêmica, prevalece aqui a voz dos membros dessa comunidade”.⁴

Não é o caso de anteciparmos os temas e as linhas argumentativas presentes em cada artigo. Só gostaríamos de chamar a atenção para um tipo de ordenamento possível que pode nortear a leitura e mapear o interesse daqueles que terão às mãos um conjunto rico e denso de análises que amplificam os significados do jogo pela via das sonoridades.

Os artigos de Raphael Rajão Ribeiro e Alberto Luiz dos Santos formam uma dobradinha de perspectiva histórica das mais melódicas ao esmiuçarem as práticas do futebol de várzea, que constituem espaços interseccionais de efetivas e afetivas demandas competitivas e hedonistas. Afinal, o futebol praticado na várzea seria apenas expressão mecânica e um tanto rebaixada do *ethos* competitivo esportivo praticado em alto nível? Como sociabilidade alargada⁵ este futebol constitui trama de expressões insurgentes ante os imperativos das desigualdades sociais transfiguradas em linguagens festivas, cujas sonoridades avançam como modo de percepção e expressão da condição de classe dos chamados varzeanos.

O artigo de Naiara Souza da Silva e Maria de Fátima Bento Ribeiro, embora mais silencioso em relação ao tema das sonoridades é ruidoso o suficiente ao propor um mergulho na transposição dos significados estéticos e políticos presentes nos usos da camisa “canarinho” ou “amarelinha” da seleção brasileira. Como um aerofone a ressoar ruídos ideológicos a camisa se expandiu a partir dos contextos de invenção e seguidas apropriações como um artefato cultural, que coloca no centro da discussão a relação entre futebol e identidade nacional.

O artigo de Daniel Seabra, ambientado no contexto português, e de cunho mais metodológico, busca aclarar aspectos de uma corpografia (Nascimento, 2016) na relação entre pesquisador de torcidas insurgentes (as claques do time do Porto) e torcedores interlocutores.

Ainda dentro do tema das associações torcedoras Juliana Nascimento da Silva e Jorge Resende Negroe Alvarez, partindo do contexto brasileiro e latino-americano, respectivamente, se ocuparão dos cânticos torcedores e como a palheta

⁴ PINTO. Etnomusicologia: da música brasileira à música mundial, p. 11.

⁵ AGIER. *L’Invention de la ville*.

de gêneros musicais e *hits* disponibilizados nos meios de comunicação de massa ganham expressões rítmicas e melódicas na economia sonora das práticas torcedoras em estádios de futebol.

Os artigos de Pedro Silva Marra e Julio Palmieri adensam discussões mais conceituais sobre o estatuto fenomênico dos sons. O primeiro trazendo uma acentuada discussão sobre os sons dos estádios tomados como ambiências produtoras do espetáculo, perscrutando íntimas relações de causa e efeito entre técnicas e ritmos do jogar com a produção sonora diversa vinda das arquibancadas. Quase o anverso dessa configuração de um estádio apinhado de ruidosos torcedores trata Julio Palmieri, que vai focar nos sons e silêncios dos jogos sem torcida comuns no ambiente das categorias de base, em que outros sons interferem na dinâmica do aprendizado dos jovens e futuros atletas. Não se pode conceber conceitualmente um jogo, seja como espetáculo ou ritual, se não levar em conta a economia sonora relacional de seus protagonistas e agentes.

Na seção **Paralelas**, Luiza Aguiar dos Santos e Mauricio Rodrigues Pinto buscam no silêncio abjeto do preconceito e da homofobia esportiva hegemônica a história acalorada da Coligay, uma torcida insurgente que rasurou a hegemonia do futebol masculino de espetáculo, cujos “corpos torcedores reboletantes, desejantes e provocativos” produziram um marco na estética torcedora, repleta de sons e imagens.

Já na seção **Tradução & Edição**, seguem-se dois poemas de Marcelo Dola-bela, “Matutu’s blues” e “Depois do jogo”, apresentados e traduzidos para o inglês por Gustavo Cerqueira Guimarães e Renato Alvim. O primeiro poema mostra ruidosas cenas noturnas protagonizadas por frequentadores da Avenida Santos Dumont, em Belo Horizonte, e o segundo, versa sobre um campinho de futebol de várzea no interior mineiro.

Luiz Henrique de Toledo e Eduardo Camargo conversam com o musicista Toninho Carrasqueira na seção **Entrevista**, flautista de reconhecida carreira nacional e internacional, que tem na prática do futebol amador uma atividade anímica que o posiciona no espectro da cultura brasileira, nos oferecendo uma reflexão criativa entrelaçando corpo, sons e técnicas.

O dossiê se encerra com a seção **Poética**, dedicada às múltiplas possibilidades das abordagens artísticas do futebol e do mundo dos esportes. Em diálogo com a temática do dossiê, apresentamos a série “Ludopoesias”, de Elcio Cornelsen, composta por sete poemas – “Domingo de clássico na cidade”, “Retrato na parede”, “Celuloide”, “O craque”, “Coliseu”, “Álbum de figurinhas” e “Hino”.

Desejamos boa leitura a todos e todas.

São Carlos e Weimar, 26 de maio de 2023.

Luiz Henrique de Toledo

Universidade Federal de São Carlos/Brasil

Tiago de Oliveira Pinto

University of Music Franz Liszt/Alemanha

* * *

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. **L’Invention de la ville**. Paris, Archives Contemporaines, 1999.
- DAMATA, Roberto. **Universo do carnaval**: imagens e reflexões. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1981.
- DAMATTA, Roberto; GUEDES, S.; Vogel, A.; Flores, L. F. B. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1982.
- PINTO, Tiago de Oliveira. Etnomusicologia: da música brasileira à música mundial. **Revista USP**, São Paulo, n. 77, p. 98-111, 2008.
- NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo. Diálogos entre corpografia e etnografia. **Ponto Urbe**, v. 19, 2016.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. Universos em emoção: a propósito de uma exposição de arte, seu catálogo e a coletânea de estudos socioantropológicos sobre futebol. **Mana**: Estudos de Antropologia Social, no prelo.